

## POLIFEIRA DO AGRICULTOR NA UFSM

Janice dos Santos Villanova <sup>1</sup>

Gustavo Pinto da Silva <sup>2</sup>

### Resumo:

Nos últimos anos temos acompanhado um aumento significativo de iniciativas que buscam reconectar o consumidor a quem produz os alimentos e a proliferação de redes agroalimentares alternativas, destacando especialmente os mercados de proximidade. Tomando como referência o debate sobre a qualidade dos alimentos e a comercialização por meio de mercados de proximidade, o presente trabalho se propõe a apresentar e discutir essas concepções do processo de implantação do projeto de uma feira livre denominada Polifeira do Agricultor - no Campus da Universidade Federal de Santa Maria. A Polifeira do Agricultor foi inaugurada em 24 de abril de 2017 e funciona as segundas e quintas feiras, em local central do Campus, ao lado do Planetário e conta com dezessete agricultores familiares oriundos exclusivamente do município de Santa Maria. A organização da Polifeira do Agricultor é realizada pelo desenvolvimento de ações em três dimensões: organizacional / institucional, tecnológica e de mercados, que são articuladas entre si em um processo contínuo, a partir do que acredita-se que vá havendo mudanças progressivas nos referidos aspectos. Nesse sentido, tem-se promovido avanços tanto na forma de condução do trabalho, como também para o projeto como um todo, tornando a Polifeira conhecida no município, ao mesmo tempo em que reforça o papel da atuação da UFSM na construção de experiências que possam ser replicadas para outras situações e municípios.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar, Desenvolvimento Rural, Mercados de Proximidade

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

## POLIFEIRA DO AGRICULTOR NA UFSM

<sup>1</sup> Aluno de graduação. janicedossantos123@gmail.com. Autor principal

<sup>2</sup> Docente. gustavo.pinto@politecnico.ufsm.br. Orientador



## POLIFEIRA DO AGRICULTOR NA UFSM

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos acompanhado um aumento significativo de iniciativas que buscam reconectar o consumidor a quem produz os alimentos, dentro do que Goodman (2003) inaugura como *quality turn* e a proliferação de redes agroalimentares alternativas. Destacam-se especialmente os mercados de proximidade, caracterizados pelo predomínio das relações de troca interpessoais, mobilizadas via relações de parentesco, interconhecimento e reciprocidade, que valorizam aspectos valorativos e a qualidade dos bens trocados mais do que o lucro em si (SCHNEIDER, 2016). Nelas acontece o deslocamento mínimo dos alimentos, a relação entre agricultores e consumidores é face a face, os agricultores operam com uma relativa autonomia e a liquidez normalmente é imediata. No mercado convencional de alimentos ocorre justamente o contrário, pois os consumidores se afastam dos produtores, os alimentos chegam até eles através de empresas atravessadoras (ILBERY, 2005; DAROLT, 2013), e muitas vezes com perda da qualidade organoléptica e diversidade, também gerando incerteza e desconfiança nos consumidores (WISKERKE, 2009). Na medida em que esse aumento de mercados de proximidade acontece, também ocorre uma melhor distribuição do poder dentro do sistema agroalimentar, pois não fica mais somente na mão daqueles atores mais poderosos que tem condições de medir a distância e diminuir o tempo entre a produção e o consumo (DUPUIS; GOODMAN, 2005).

O desafio parece ser encontrar formas para fortalecer esses mercados de proximidade, dentro daquilo que os consumidores mais buscam: alimentos produzidos em pequenas escalas e dentro de condições mais naturais, que remontem a própria identidade sócio-cultural das pessoas. Aos poucos os mercados de proximidade como as feiras livres foram se tornando pontos de intermediação de atravessadores que compram de distribuidores especializados da Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul (CEASA RS), que por sua vez comercializam para consumidores que acreditam adquirir alimentos diferenciados.

Ao mesmo tempo faltam ações concretas que fortaleçam os agricultores familiares locais para se apropriar desses espaços, dentro de uma perspectiva de orientar processos de desenvolvimento rural. São os agricultores familiares as maiores vítimas da forma pela qual a produção, comercialização e distribuição de alimentos têm tomado.

O trabalho de criação de oportunidades para agricultura familiar precisa considerar as condições tal como ela é. De nada adianta trabalhar com aqueles agricultores diferenciados e em melhores condições. O que é necessário é oferecer possibilidades e criar condições para aqueles que vem sendo excluídos das ações de desenvolvimento, dentro de uma perspectiva que não seja com ações pontuais, mas ações contínuas e entrelaçadas. Schons e Silva (2016) indicam a necessidade de um projeto de desenvolvimento pluridimensional, olhando para a melhoria da capacidade produtiva, a melhoria da capacidade organizacional, mas também uma maior qualificação no vínculo com os mercados.

Tomando como referência o debate sobre a qualidade dos alimentos e a comercialização por meio de mercados de proximidade, o presente trabalho se propõe a apresentar e discutir essas concepções do processo de implantação do

projeto de uma feira livre denominada Polifeira do Agricultor – no Campus da Universidade Federal de Santa Maria. A Polifeira visa fortalecer a produção local e comercialização de alimentos por meio de mercados de proximidade, gerar trabalho e renda, ofertar produtos com qualidade conhecida aos consumidores de Santa Maria e também ser espaço para atividade de ensino, pesquisa e extensão.

## **2. METODOLOGIA**

O trabalho foi desenvolvido no município de Santa Maria/RS, localizado na Região Central do Rio Grande do Sul. O município possui uma população de 261.031 mil habitantes, sendo que destes 248.347 mil habitantes residem na área urbana e 12.684 mil na área rural. Do total do território do município, 6,82% são considerados área urbana (121,84 km<sup>2</sup>) e 93,18% área rural (1.699,29 km<sup>2</sup>). Segundo o Jornal Diário de Santa Maria (2017), o município ocupa a 4<sup>a</sup> posição no Rio Grande do Sul e a 79<sup>o</sup> no país na demanda de alimentos para atender ao seu consumo.

A Polifeira do Agricultor foi inaugurada em 24 de abril de 2017 e funciona as segundas e quintas feiras, em local central do Campus, ao lado do Planetário. Conta com dezessete agricultores familiares oriundos exclusivamente do município de Santa Maria. Eles refletem bem as características da maioria dos agricultores familiares de Santa Maria: redução da força de trabalho no núcleo familiar, envelhecimento rural, produção em pequenas quantidades, modo de produção convencional, assistência técnica pontual e pouca vinculação a políticas públicas municipais. Entre os feirantes apenas dois trabalham com produtos de origem animal, sendo um com derivados de leite e outro com derivados cárneos. Para produtos de origem animal é necessário ser inscrito no Serviço de Inspeção Municipal do município.

A organização da Polifeira do Agricultor é realizada pelo desenvolvimento de ações em três dimensões: organizacional / institucional, tecnológica e de mercados. Elas são articuladas entre si em um processo contínuo, a partir do que acredita-se que vá havendo mudanças progressivas nos referidos aspectos. Todas as atividades são registradas em um diário de campo, ou salvo em arquivos eletrônicos, com uma descrição sintética do que foi realizada. Para a análise dos dados utilizou-se da Análise de Conteúdo, quando então faz-se organização de categorias temáticas, para então efetuar inferências e interpretações, como as fases recomendadas por Silva e Fossa (2015). Esses autores consideram a Análise de Conteúdo como uma das formas de análise mais utilizadas quando se trata de estudos qualitativos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A organização de uma ação de desenvolvimento passa pelo planejamento das formas de intervenção, de modo que as ações tenham sentido, promovam mudanças complementares e exerçam um efeito sinérgico de melhorias tanto para o lugar como para as pessoas envolvidas. A questão de uma visão numa perspectiva de médio, curto e longo prazo também são combustíveis que estimulam a continuidade do trabalho, pois como salienta Dallabrida (2017), desenvolvimento precisa ser considerado como um processo, não uma etapa ou um estágio. A Polifeira do Agricultor se propõe a ser um espaço diversificado de comercialização direta de quem produz para quem consome, prezando por alimentos e outros produtos com o conceito de saudável, artesanal, produzido pelas próprias famílias, em condições mais próximas das naturais. Assim, as

ações desenvolvidas para o projeto têm como base essa compreensão e são organizadas a partir das dimensões propostas por Schons e Silva (2016).

A seleção dos feirantes foi realizada por meio de edital público, de maneira a oferecer as condições para que qualquer agricultor de Santa Maria pudesse participar, ao mesmo tempo em que era esclarecido aquilo que esperava-se de uma feira livre. A questão era formar um grupo de agricultores que possuíssem interesses semelhantes, ou predispostos a formar sentido para a ação coletiva. Como estrutura formal de controle sobre a ação coletiva foi construído um Regulamento de participação da Polifeira, no qual estão prescritos tanto os incentivos, como os controles para os alinhamentos na ação, instituindo um comportamento confiável entre os feirantes e previsibilidade do que pode ou não ser realizado. A formação de uma identidade organizacional vai se estabelecendo na medida em que as reuniões acontecem, bem como os encontros decorrentes da realização da feira, e que as relações sociais vão se fortalecendo. À luz deve encontrar-se um quadro de representações para um processo de transição agroecológica, o compromisso em não comercializar o que não for produzido pela família dos agricultores, e a busca por alimentos mais artesanais e vinculados a identidade sociocultural do território.

Ainda na dimensão organizacional, a coordenação do projeto e o próprio Colégio Politécnico buscaram fortalecer o apoio institucional em torno da Polifeira, por meio de relações com outras organizações. Algumas organizações locais rejeitaram o envolvimento no projeto, porém duas foram fundamentais. De um lado a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural, que participou da divulgação do edital, bem como da criação das condições para que a feira se institísse de acordo com a legislação vigente para comercialização por meio de feiras livres em Santa Maria. De outro lado a Cooperativa dos Estudantes do Colégio Politécnico (CESPOL) que disponibilizou recursos financeiros para elaboração principalmente dos materiais de identidade visual da feira, para além dos investimentos realizados pelos feirantes. Dentro desse arcabouço institucional encontram-se setores e centros da Universidade Federal de Santa Maria e do Colégio Politécnico, os quais vão conferindo um lastro de condições para a feira livre se desenvolva, ao mesmo tempo em que exercem um papel de transferir a legitimidade para tudo que envolve esse espaço de comercialização. Mais do que ter sempre as respostas o importante em um projeto dessa natureza é saber a quem recorrer nos momentos necessários.

As ações de cunho tecnológico encontram-se relacionadas a mobilização de conhecimentos técnicos para aprimorar as habilidades existentes em relação a forma de produção dos alimentos. Para Shons e Silva (2016), o desafio é construir uma trajetória tecnológica que alie os conhecimentos e características locais, com o que se tem de pesquisa sobre produção no momento atual. Quando alteram-se as escalas, alteram-se também os desafios para a produção, ainda mais com o desafio da transição agroecológica. Dessa forma, além de qualificações pontuais a equipe do projeto busca manter acompanhamento técnico contínuo nos estabelecimentos rurais dos agricultores, quando além de ensinar, também aprende. Os problemas são analisados/ estudados e discutidos com o agricultor quais os procedimentos mais recomendados para a situação. A figura 01 demonstra o momento em que o agricultor e o estudante do curso de técnico em agropecuária do Colégio Politécnico visitam a produção e discutem ajustes necessários. Análises química de solos das hortas e pomares dos feirantes já foram realizadas, bem como a implantação de unidades

demonstrativas de variedades de alface, entre outras atividades que vão resultando no aprimoramento das produções dos feirantes.



Figura 1: Visita técnica na horta de um feirante da Polifeira do Agricultor.

Além de viagens de estudos, também foi realizado uma tarde de campo sobre produção de hortaliças com insumos de carência zero. Essa ação visou reduzir a utilização de agrotóxicos para uma produção mais limpa/ natural, com qualidade e segurança alimentar para o consumidor da Polifeira. Paralelamente, para dar segurança para o consumidor, mas também para levar os agricultores a mudança de atitudes, faz-se análise dos alimentos comercializados na Polifeira no Laboratório de Análise de Pesticidas (LARP - UFSM), com vistas a identificar possíveis contaminantes. Na área de processamento de alimentos vem sendo realizadas oficinas para produção de doces, compotas de frutas e hortaliças e panificados.

As ações de mercados têm o objetivo de melhorar o reconhecimento dos alimentos por parte dos consumidores, agregar valor aos alimentos, e buscar melhor posições no volume comercializado. Desde o começo do projeto empreendem-se ações para reforçar o conceito em torno da marca Polifeira do Agricultor, em que pese reforçar a importância da procedência dos alimentos, o conceito de venda direta, a preocupação com a produção de alimentos mais limpos, produzidos de forma artesanal e cada vez mais próximos das condições naturais. A partir dessa marca, foi desenvolvida uma série de aplicações em artefatos e de ações de publicidade e propaganda, buscando o alcance aos mais variados públicos que circulam dentro e fora da Universidade. O que se deseja é melhorar a percepção dos consumidores em relação as qualidades intrínsecas dos alimentos, valores e processos envolvidos, bem como os aspectos positivos de sua produção para o meio ambiente e para a saúde. Todavia, isso precisa ser dito de uma forma que minimize as incertezas e retire do anonimato, o que nem sempre os próprios agricultores, isoladamente, conseguem fazer.

A forma de concepção de um projeto baseado em três dimensões de desenvolvimento tem promovido avanços tanto na forma de condução do trabalho, como também para o projeto como um todo. A Polifeira tem se tornado conhecida no município, como também reforçado o papel da atuação da Universidade Federal de Santa Maria, em que pese construir experiências que possam ser replicadas para outras situações e municípios.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sobre esse projeto de desenvolvimento a partir das três dimensões demonstra uma qualificação na forma de trabalhar a construção desse mercado de proximidade da feira livre voltado para beneficiar a agricultura familiar. Já houveram melhorias no poder de reivindicação e de barganha dos agricultores envolvidos, muito do qual oriundo do surgimento de um padrão consensual de interesses e do aumento dos laços de solidariedade e cooperação entre os agricultores. Também há um maior apoio das organizações locais, conferindo lastro institucional. Do ponto de vista tecnológico já se tem um foco determinado de por onde o trabalho deve transitar, especialmente visualizando a qualificação dos agricultores para um processo contínuo de transição agroecológica. Em relação aos mercados, já existe uma relação de público fiel na Polifeira que aumenta a cada edição que acontece.

O importante em um projeto dessa natureza é ter claro uma concepção de trabalho, por mais que na prática não exista receita, e sempre seja necessário estar se reinventando. Mais que qualquer coisa, percebe-se que os mercados podem ser construídos localmente, principalmente no que se relaciona ao novo quadro de representações, normas e valores que passam a existir.

#### 5. REFERÊNCIAS

- DALLABRIDA, V. R. Teorias do desenvolvimento: aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países. Curitiba: Editora CRV, 2017. 236 p.
- DUPUIS, E. M. e GOODMAN, D. Should we go “home” to eat?: toward a reflexive politics of localism. *Journal of Rural Studies*, v. 21, n. 3, p. 359-371, 2005.
- ILBERY, B. et al. Product, Process and Place: An Examination of Food Marketing and Labelling Schemes in Europe and North America. *European Urban and Regional Studies*, v. 12, n. 2, p. 116-132, 2005.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2017 [acesso em 26 set 2017]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431690>.
- JORNAL DIÁRIO DE SANTA MARIA. É dia de feira: 15 lugares para comprar frutas e verduras em Santa Maria. 2015 [acesso em 15 ago 2017]. Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/economia-politica/noticia/2015/08/e-dia-de-feira-15-lugares-para-comprar-frutas-e-verduras-em-santa-maria-4833169.html>.
- SCHNEIDER, S. Mercados e Agricultura Familiar. In. MARQUES, F. C.; CONTERATO, M. A.; SCHNEIDER, S. **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 93 – 140.
- SCHONS, A., SILVA, G. P. Produção de leite em Quevedos: um projeto de desenvolvimento pluridimensional. In: SILVA, R. B. *et al.* *Gestão Pública: inovações e modelos*. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 297 – 315.
- SILVA, A. H. FOSSA, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, v.17. n. 1, 14 p, 2015.
- WISKERKE, J. S. C. On places lost and places regained: reflections on the alternative food geography and sustainable regional development. *International Planning Studies*, v. 14, n. 4, p. 369-387, 2009.